

João Dias: escritor maldito?

Dom.
25/1/57

por Nikos Kakurios



João Dias. Um nome que me aparece referido em bibliografia diversa quando, nos anos primeiros do pós-independência, leccionava as nonas classes na Escola Secundária Josina Machel. Noções de literatura africana de expressão portuguesa, com ênfase particular para o caso de Moçambique constituíam, na altura, parte do programa da disciplina incharacteristicamente chamada de «Português».

Embora sabendo que havia sido publicada uma obra intitulada «Godido» não havia forma de ter acesso ao livro. Fornecia, contudo, aos alunos uma bibliografia referencial, já que, por vezes, só de extractos algumas obras eram conhecidas. A curiosidade sobre esta estranha maldição de um livro que nem os meus amigos com bibliotecas pessoais de quem eu possuía com conhecimento possuíam eu conhecia sequer.

Fui dando a ideia de que existia uma prosa interior à oficial e obrigatória do «Nós

matámos o cão tinto» de Luis Bernardo Honwana. Dei o nome do autor, o nome do livro, algumas pequenas indicações biográficas que tinha avaramente conseguido obter, aqui e ali, particularmente em jornais e revistas portuguesas antigas.

E, um dia uma aluna minha aparece com o livro, encadernado a couro duro, a capa original (apenas foi feita uma edição) do colega de João Dias, o Aires, também prematuramente morto em terras de Portugal.

Aí foi o devorar de um livro incompleto, uma estrutura que se adivinha ainda não definitiva mas com uma pujança extraordinária, a vitalidade de um escritor africano em Portugal, na década de 40. E, aí, forneci prodigamente cópias aos meus alunos que se haviam associado nesse querer saber quem era, afinal, o tal João Dias.

E, assim, o João Dias e o seu Godido foram durante dois anos parte comple-

mentar do programa de «Português» da nona classe. Depois, mais uma vez, aquele silêncio inexplicável de quase quarenta anos sobre uma obra importante da nossa

literatura saía do seu anonimato e «se liberte da lei da morte» aqui divulgamos dois textos alusivos — um da brigada literária da Associação dos Escritores Mo-

a reedição dessa inestimável obra que se chama «Godido»? É que, para além dos dois exemplares referenciais, nos num dos textos da AEMO, eu ainda possuo

21 de Maio é a data de nascimento de João Dias, que faleceu a 25 de Março de 1949, com 23 anos, 21 de Maio é também data de aniversário, mas da morte de outro moçambicano: António Aires.

Estes dois moçambicanos ligados postumamente num livro publicado devido à caridade de alguns amigos de João Dias, tiveram a separação não apenas a cor da pele, nem o ramo de actividade artística que os solicitava, mas tona uma vivência diferente no que se refere à discriminação racial que João Dias «viveu com excepcional intensidade, agravada por uma sensibilidade que atingia por vezes

aspectos quase doentios». João Dias teve a infelicidade de nascer numa época e num lugar onde ser negro era uma quase-fatalidade que na prática ultrapassava os limites da legislação oficial perante a qual o racismo não existia.

Foi a 21 de Maio de 1926 que nasceu em Lourenço Marques, o filho varão — e o mais novo — de Estácio Dias, jornalista de «O Brado Africano» onde, juntamente com os irmãos João e José Albasini, deixou assinada uma das épocas mais importantes do jornalismo em Moçambique, e esteve na base da inclusão dos seus nomes na toponímia de Lourenço Marques.

literatura, um personagem — escritor do qual praticamente nada se sabe, sobre o qual teimosamente se continua a nadar dizer, investigar, divulgar.

Porque já é tempo que este escritor maldito da nossa

moçambicanos que tem o seu nome, «Brigada João Dias», outro de Afonso Zil'ha, ambos reportando uma conversa mantida com familiares vivos do malogrado escritor.

E, já agora, uma pergunta (im)pertinente: para quando

aquele que foi legado e posto-o à disposição da editora que responder positivamente a este apelo de publicar com urgência uma obra maior da nossa prosa. Com V de volta, claro...